

# 12

## BEM-ESTAR COMO CHAVE PARA O ENCONTRO ENTRE OS REFUGIADOS DE LÍNGUA ÁRABE E A ÁUSTRIA<sup>1,2</sup>

### INTRODUÇÃO

Pesquisas sobre o bem-estar começaram no final da década de 1960 e têm ganhado força desde os anos 1990. Pesquisadores estão particularmente interessados em saber como medir bem-estar. No entanto, é preciso saber, primeiro, o que está sendo medido. Acadêmicos notaram que as perspectivas baseadas em teorias estão manifestamente ausentes (Ryff and Keyes, 1995), e a forma como o bem-estar deve ser definido e medido são duas questões que continuam grandemente sem resolução (Dodge et al., 2012).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) define a saúde como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doença ou enfermidade” (OMS, 2006:01), o que pode ser interpretado como a afirmação de que a saúde é a ausência de sofrimento. No entanto, muitos são os que, hoje em dia, desafiam esta definição. James Larson afirma que a OMS formulou esta definição em 1946 – após a Primeira Guerra Mundial –, quando a saúde social das sociedades era um tema central no discurso público, e que, mais

---

<sup>1</sup> Capítulo original, em inglês; Schiocchet, Leonardo. “Wellbeing as a Key Site for the Encounter between Arab-Speaking Refugees and Austria”. In: *Die Lange Dauer Der Flucht – Analysen aus Wissenschaft Und Praxis*. Josef Kohlbacher und Maria Six-Hohenbalken (Eds.). Verlag Der Österreichische Akademie Der Wissenschaften, Wien, 2019.

<sup>2</sup> O leitor notará que, ao longo de algumas entrevistas citadas no texto, não há correlação temporal verbal ou concordância temporal, na tradução em português. Assim como o autor do artigo transcreveu as entrevistas de forma fidedigna, mantendo as frases originais (sinalizando, inclusive, as mudanças entre o árabe e o inglês, por parte das pessoas entrevistadas), esta tradução também o fez.

recentemente, os cientistas sociais americanos questionaram uma definição “que requer saúde completa” (Larson, 1996:181). Entre os que propõem alternativas, Huber et al. (2011:01) sugerem definir saúde como “a habilidade de adaptação e autogestão em frente a desafios sociais, físicos e emocionais”.

Dodge et al. avaliam a história do debate acadêmico sobre o tema e propõem uma nova definição de bem-estar, atualizada e abrangendo fragmentos importantes presentes apenas em uma ou outra tendência de definição. Já por uma perspectiva culturalmente sensível, baseada na autoavaliação individual, eles concluem que “seria apropriado que uma nova definição de bem-estar se centrasse em um estado de equilíbrio ou de balanço, que pode ser afetado por eventos ou desafios da vida” (Dodge et al., 2012:222). Contudo, para estes autores, o bem-estar não é uma construção, mas “deve ser considerado como um estado – uma condição de um sistema em que as qualidades essenciais são relativamente estáveis” (Reber, 1995:750 apud Dodge et al., 2012:226). Assim, definem o bem-estar “como o ponto de equilíbrio entre o conjunto de recursos de um indivíduo e os desafios por ele enfrentados” (Dodge et al., 2012:229-230). No entanto, esta acepção ainda carrega algumas das principais limitações em definir e mediar o bem-estar. A limitação mais gritante é a ideia de homeostasia (a suposição de que os indivíduos percebem e buscam equilíbrio), a qual, ainda que seja pensada como relativa ao indivíduo, é implausível porque depende de se medir a “normalidade” e equipará-la à afluência (Sahlins, 1972), que os indivíduos podem nunca alcançar ou definir por si próprios. O bem-estar pode ser um conceito idealizado, mas também pode estar fora do campo fenomenológico de alguém e, por isso, não pode ser medido com precisão na prática.

Mas bem-estar, talvez até mais do que saúde, é um conceito que se relaciona intrinsecamente com o domínio das próprias experiências dos sujeitos. E se a saúde deve ser definida através do bem-estar – como a OMS defende – e se o bem-estar depende da gestão do eu – tal como Huber et al. propõem –, então há que se reconhecer como cultura e contexto moldam a saúde. 82 anos após a definição original da OMS de saúde, o mundo enfrenta novamente uma enorme crise de deslocamento humano, e a compreensão da saúde e do bem-estar entre os sujeitos deslocados é primordial. Este trabalho considera o encontro entre os falantes de árabe, provenientes do conflito sírio e iraquiano – muito afetados, assim, por deslocamentos violentos, despossessão e guerra – e o contexto austríaco, destacando os pontos de vista deste grupo heterogêneo de deslocados, cujo árabe é a língua materna. O capítulo se baseia em observação participante e em 60 entrevistas aprofundadas com pessoas deslocadas (refugiados ou requerentes de asilo) provenientes dos conflitos sírio e iraquiano, que fazem parte do projeto do LODA apresentado neste volume.<sup>3</sup> Assim, embora os resultados do LODA incluam material sobre refugiados dos conflitos afegão, sírio e iraquiano, o presente documento considera apenas a experiência dos falantes de árabe, pois reflete sobre em que medida a língua molda/é moldada por concepções e experiências partilhadas. Nem todos os entrevistados responderam a todas as perguntas feitas,

---

<sup>3</sup> Embora todas as 60 entrevistas sejam consideradas, serão trazidos exemplos principalmente de uma subamostra de 30 entrevistas conduzidas pelo autor. Enquanto algumas entrevistas levaram mais de 4 horas e foram muito abertas, em média estas entrevistas duraram de 1 hora e 10 minutos a 1 hora e 40 minutos. Enquanto alguns entrevistados escolheram falar uma mistura de árabe e inglês, quase todas as entrevistas foram conduzidas apenas em árabe, sem intérprete ou mediação, seguindo um questionário semiestruturado formando o *survey* do LODA aplicado a todos os entrevistados. Isto significa que, enquanto um conjunto de questões centrais era colocado a todos os entrevistados, cada entrevistado era também livre para se expressar sobre qualquer tema que escolhesse.

mas todos eles, pelo menos, deram amplas declarações sobre as questões centrais que compõem cada sessão do survey. Finalmente, embora este artigo diga respeito a uma sessão específica do survey, denominada pelo projeto “bem-estar”, muitos dos excertos que apresento aqui foram trazidos à tona quando os entrevistados responderam a perguntas que não estavam diretamente relacionadas com esta sessão, ou simplesmente expressaram o que consideravam importante mencionar sobre as suas experiências de fuga e os seus encontros com seus anfitriões austríacos.

Os deslocados forçosamente de língua árabe e os seus anfitriões austríacos nem sempre encontraram uma “língua” comum e concordaram nas formas de lidar com estas questões. Assim, este documento centra-se nas concepções de bem-estar e saúde como uma perspectiva através da qual se pode alcançar, assim o esperamos, um entendimento comum. Isto acontece porque as expressões de refugiados sobre sua própria situação são profundamente marcadas pelo deslocamento forçado e pelos processos sociais que este geralmente implica. Defendo que, no contexto do deslocamento de refugiados de língua árabe para a Áustria, como seria em outros contextos semelhantes, o pertencimento social tende a ser grandemente percebido e expresso como uma questão de bem-estar, definindo a saúde individual e social, além da capacidade individual e coletiva de se envolver produtivamente com a sociedade.

Algumas das expectativas sobre o encontro entre os refugiados de língua árabe e os seus anfitriões austríacos – dois grupos heterogêneos, e ainda assim muitas vezes bastante discerníveis, de atores sociais – podem ser surpreendentemente semelhantes. No entanto, a angústia

mental, incluindo, mas não limitada, a depressão e o trauma, não apenas é amiúde expressa de formas diferentes como também é, repetidas vezes, vivida de forma distinta e vista como suscitando diferentes tipos de engajamento. Enquanto o jargão produzido e mobilizado pelos austríacos enfatiza a necessidade de “integração social”, segurança econômica nacional e a manutenção da identidade cultural, os falantes de árabe deslocados têm comumente expressado a necessidade de compreensão social, respeito, e de oportunidade de participar e ser produtivo na sociedade de acolhimento – tal qual demonstram os recortes das entrevistas que apresento abaixo.

No que segue, apresento evidência etnográfica de como os refugiados de língua árabe que chegaram dos conflitos sírio e iraquiano em Viena compreendem e expressam suas principais preocupações no exílio em termos de bem-estar, e exploram as especificidades de concepções subjacentes. As preocupações gerais, as expectativas, os receios, os afetos e as disposições aqui discutidas serão então organizadas sob a forma de um esboço conceitual geral das perspectivas destes refugiados.

O leitor deve estar ciente de que este trabalho é apenas um primeiro esforço de compilação e análise do material da LODA sobre bem-estar, sendo assim mais bem entendido como um “relatório analítico”, mais do que um simples relatório empírico ou uma peça mais teórica. Isto porque, antes de mais nada, pretende mostrar o material empírico da LODA sobre bem-estar, em vez de discutir sobre o assunto primariamente à luz da literatura acadêmica, ao mesmo tempo que adapta este material empírico para que se engaje com o princípio da OMS de que a saúde deve ser definida através do bem-estar.

## **ESBOÇANDO A IDEIA DE BEM-ESTAR ENTRE OS REFUGIADOS DE LÍNGUA ÁRABE EM VIENA**

Esta secção conta com uma abordagem experimental que visa explorar diferentes concepções do que, em inglês, se chama “bem-estar” [*wellbeing*], dado que a interação entre o Estado acolhedor (Áustria), o humanitarismo e os refugiados provoca um atrito conceitual que, por sua vez, gera obstáculos para a permanência dos refugiados na Áustria.

Ao longo do meu trabalho de campo no mundo árabe e acerca de árabes refugiados e migrantes no Oriente Médio, América Latina e Europa (2006-2018), aprendi que a saúde mental no mundo árabe, em geral, tende a ser compreendida e gerida de formas que podem diferir significativamente do que a medicina europeia e as disciplinas da mente geralmente prescrevem. Mesmo na Áustria já se podem encontrar, com frequência, tabus relacionados ao reconhecimento de certas formas de sofrimento psicológico e, ainda mais, à procura de aconselhamento ou tratamento. No mundo árabe, alguns destes tabus tendem a ser mais pronunciados. No entanto, os tabus mais evidenciados no mundo árabe do que na Europa não são necessariamente relacionados ao diagnóstico ou ao reconhecimento como portador de alguma doença de ordem mental, mas sobre procurar o conselho de um profissional especializado na psique. Isto não significa que os árabes, em geral, sejam mais propensos a ter mais tabus a respeito daqueles considerados portadores de algum sofrimento psicológico do que os europeus, mas apenas que estar clinicamente atestado com um distúrbio psicológico e ser submetido a tratamento clínico, no mundo árabe, tem sido historicamente mais incomum do que na Europa e, por isso, são

consideradas situações extremas e frequentemente estranhadas. O material da LODA que aqui apresento corrobora este ponto.

Começarei, agora, por apresentar alguns indivíduos com maior profundidade não apenas para dar ao leitor uma melhor noção dos contextos a partir dos quais extraio os pontos principais da minha análise, mas também para trazer uma aproximação mais rica dos dados produzidos pelo LODA, para que o leitor possa ter suas próprias percepções originais ou refletir melhor sobre a minha própria análise. Esta estratégia está de acordo com o objetivo geral desta publicação<sup>4</sup>, que é mostrar algumas das principais conclusões do estudo LODA, juntamente com a apresentação dos dados levantados pelo projeto para sua disponibilização a um público mais vasto. Estas seções serão chamadas “estudos de caso” por falta de um termo melhor. Contudo, os leitores não devem necessariamente dar sentido aos trechos de entrevistas que apresento abaixo como se uma narrativa mestra ou, ainda, uma moral da história, pudesse ser extraída de cada um dos casos. Ao invés disso, apresento estes diferentes excertos para que o leitor esteja a par de quando um determinado entrevistado mobilizou uma expressão de estado de saúde mental, de forma a que cada excerto seja entendido enquanto gerador de contexto à(s) expressão(ões) que apresenta. Em seguida, procederei destacando alguns tópicos-chave e expressões de estado de saúde mental destes estudos de caso, e apresentarei mais evidências sobre eles através de citações retiradas de outras entrevistas que compõem a amostra. Tendo trazido as evidências necessárias, apresentarei, finalmente, um argumento geral sobre a forma como os entrevistados concebem e expressam o bem-estar em

---

<sup>4</sup> Referente à publicação original.

relação à sua situação na Áustria, razão pela qual devem ser levados em consideração em relação a ações civis e políticas públicas que envolvem falantes árabes deslocados.

Em conjunto com esta peça mais etnográfica e de apresentação de dados, preparo também uma próxima publicação destinada a discutir concepções e experiências de bem-estar entre deslocados de língua árabe e árabes em geral na Áustria, em relação à literatura de ponta sobre antropologia da migração forçada e da saúde em geral. Embora, neste presente capítulo, eu me ocupe quase que exclusivamente dos dados produzidos pelo LODA, a segunda publicação contemplará um diálogo com a bibliografia mais recente sobre antropologia médica, do bem-estar e da migração forçada. Além disso, a equipe do LODA está também publicando, concomitantemente, um artigo sobre boas práticas/políticas, para o qual contribuo com ideias resultantes da análise aqui apresentada. Em outras palavras, o presente trabalho propõe apenas um diagnóstico da situação social analisada, enquanto o prognóstico (recomendações políticas) será incorporado em outra publicação coletiva, juntamente com a equipe de pesquisa do LODA. Os leitores mais interessados em uma ou em outra perspectiva, então, são aconselhados a buscar por essas publicações.

Um dos princípios da pesquisa do LODA era capturar, tanto quanto possível, a diversidade existente entre estes deslocados de língua árabe. Assim, esta pesquisa contém uma boa porcentagem de abordagens sobre gênero, etnia, religião, geração, classe social e, mesmo, distinções de pertencimento nacional.<sup>5</sup> Embora isto não admita ao LODA fazer

---

<sup>5</sup> Isto porque muitos dos entrevistados não se identificariam como sírios ou iraquianos sem que houvesse algum problema, dado que alguns eram de origem palestina, curda ou circassiana, por



suposições baseadas em grupos étnicos ou religiosos específicos, permite uma ampla compreensão deste grupo heterogêneo em geral, ao mesmo tempo que, talvez, também possibilite alguma percepção da situação específica deste grupo com base no gênero. Esta questão da representação informou a minha escolha das entrevistas e citações, que apresento a seguir.

### **ESTUDO DE CASO 1 - LEYLA<sup>6,7</sup>**

Leyla é uma mulher síria de 48 anos. Divorciada e muçulmana xiita. Foi aceita como refugiada na Áustria, onde vive desde janeiro de 2016.

**Ela:** Cheguei à Áustria em 2016 e não gostei.

**Eu:** Não? Por quê?

**Ela:** Não gostei nada.

**Eu:** Por causa do tempo?

**Ela:** Não, a Áustria foi para mim a primeira *ghurba* [estranhamento<sup>8</sup>]. Apesar de ter vivido no Egito, Beirute, e Istambul, [lá] não tive esta sensação. Na Áustria, senti meu primeiro estranhamento. Fiquei deprimida. Estou doente, com depressão, e tomo medicamentos. Tive uma consulta com o médico ontem e ele me deu medicamentos. Me senti desamparada na Áustria e não posso fazer nada. Por isso, entrei neste estado de depressão. Não gosto de sair de casa e ver ou falar com ninguém. Onde quer que minha filha me leve eu sinto que não é agradável. Não me senti interessada pela

---

exemplo. Ou podiam ter nascido em outro lugar, mas foram considerados refugiados ou requerentes de asilo dos conflitos sírio e/ou iraquiano pelas autoridades austríacas.

<sup>6</sup> Todos os nomes aqui citados são fictícios, de modo a preservar a identidade e a segurança dos entrevistados.

<sup>7</sup> Linhas contínuas indicam um fluxo contínuo de conversa, enquanto uma linha pontilhada indica que o excerto foi retirado de outro ponto da entrevista. Por exemplo, enquanto o que aparece no primeiro trecho pode ter começado por volta dos 4 minutos da entrevista, o que vem depois da linha pontilhada pode ter começado, por exemplo, após 34 minutos de entrevista. Os trechos estão apresentados na ordem original do que foi falado durante a entrevista. Ou seja, se uma parte vem antes da outra é porque foi falada antes da outra.

<sup>8</sup> O significado completo deste complexo termo será desenvolvido nas conclusões.

beleza ou pela natureza. Oh, claro, fui ao médico e ele me deu tratamento. Mas parece que eu devia controlar isto [a depressão] a partir de dentro. Sou eu que tenho de lidar com esta questão. A minha amiga [citou um nome], que estava com você há 2 dias atrás, caso você se lembre dela. Ela tentou e se cansou de mim. Porque ela esteve [deprimida] antes de mim, por isso tentou me levar para sair, mas eu não tenho forças. Não funcionou. Depois, percebi que sentia falta da minha escrita. Me sinto uma estranha em Viena; não me sinto aqui. Depois que se passa algum tempo, eu consigo me encontrar, mas há outros tempos que não. Nunca consigo encontrar a mim mesma.

**Eu:** Pode descrever um dia típico para você, na Áustria?

**Ela:** Eu faço meu trabalho doméstico e minha comida. A minha filha, que vive comigo, ela deveria estar no curso. De manhã, ela leva o seu filho para a creche. Ela volta ao meio-dia. É claro que, a essa altura, eu já vi se havia alguma coisa para se fazer em casa. Eu poderia ler, apesar de já não ter mais capacidade de ler. Mas eu tento, para que meu cérebro ainda possa trabalhar. Leio por cerca de uma hora, é uma obrigação por causa da concentração. Comemos na hora do almoço; eu poderia dormir de tarde. Poderia sair, mas a maior parte das vezes não saio. Tenho este problema, pois não gosto de me comunicar com os outros e não gosto muito de ver pessoas. E o meu dia termina assim. Gosto muito do tempo que passo com o meu neto. Ele dá energia para minha vida.

**Eu:** Você tinha expectativas em relação ao trabalho aqui na Áustria?

**Ela:** Primeiro, não tive a oportunidade e, segundo, já não consigo. Já não consigo escrever. Eu... eu própria, não consigo começar a escrever. O problema é psicológico, quer dizer, não tenho capacidade/aptidão para escrever. [...] Mesmo que apareça algum trabalho de esforço muscular, não consigo fazer. Não consigo carregar coisas para cima e para baixo, esta não é a minha área e não tenho capacidade de fazer isso. É por isso que existe um problema, na Áustria, para aqueles que têm mais de 50 anos. Não conseguem arrumar trabalho com facilidade e isto está causando uma crise psicológica nas pessoas.

**Eu:** Agora eu gostaria de saber um pouco mais sobre o bem-estar. Mas não só como saúde física, mas também psicologicamente. Como você se sente, em geral, sobre a sua vida na Áustria?

**Ela:** A minha vida na Áustria não tem sentido. Porque sinto que não sou uma pessoa produtiva, [sou] uma pessoa que não faz nada. Não estou fazendo nada na vida e isto é uma sensação muito ruim. É assim, eu só como, acordo e, se tenho curso, faço e volto. Esta sou eu na Áustria. Tenho um problema com isso. Não sinto que estou fazendo nada pela sociedade. Não sinto que estou presente em nada. E não é que eu não queira.

**Eu:** Sente-se um pouco solitária? Não há pessoas e vida?

**Ela:** Me sinto sempre solitária. Mas isto poderia desaparecer, se eu pudesse fazer alguma coisa. Poderia ir para além da barreira do idioma. O nosso problema é sempre o idioma. Isto poderia levar à solução para qualquer problema.

**Eu:** Você teve experiências com o sistema de saúde aqui na Áustria? Como um hospital ou um médico?

**Ela:** Eu não fui ao hospital, mas fui a um médico normal. Consultei um médico de saúde, e um psicólogo. [o médico receitou o medicamento, sendo provavelmente um psiquiatra, independentemente do que ela chame]. [...] É isto que estou sentindo. É realmente difícil. É preciso ter capacidade para ir aqui e ali.

**Eu:** Sente-se positiva em relação ao seu futuro aqui na Áustria?

**Ela:** Se eu falar a partir da minha mente, sim. A Áustria é melhor. Mas a partir das minhas emoções, não.

**Eu:** Sente-se positiva em relação ao seu futuro aqui na Áustria?

**Ela:** [...] você entendeu a ideia, quero dizer, o cérebro para. Gosto do meu país e quero voltar para lá! Não, isto não está certo. Mas logicamente, sobre doença e seguro de saúde, tudo isto não se encontra na Síria.

**Eu:** E se o problema estiver dentro de você?

**Ela:** Se o problema é um sentimento, muitas vezes não tem solução.

**Eu:** Quando você se sente triste, isto também é um problema.

**Ela:** Tive isto o tempo todo. Se me conhecesse a 4 anos atrás, não acreditaria que esta sou eu. Eu estou entre aqueles que gostam muito da vida. Gosto muito de nadar. Tenho o dom de levar felicidade em qualquer lugar em que esteja. Não, eu não sou assim. Agora estou mais em silêncio, é raro me sentir feliz e rir. Não é assim tão fácil. Claro, a tristeza que estou vivendo, sei as suas razões. Porque deixei o meu país, a minha casa e os meus amigos.

Deixei tudo. É como uma planta ou uma flor que se arranca e se planta num solo completamente diferente. Ela viveria, claro.

**Eu:** Mas não seria forte.

**Ela:** Agora não estou forte. Estou frágil por dentro. Qualquer coisa pode me fazer chorar. Se eu visse uma criança pequena chorando na rua, eu choraria. Eu não era assim. E isto foi o que me fez ir a um médico psicológico. Ah, claro, ele me ajudou de alguma forma; me deu remédios e falou comigo. Mas o meu problema está lá dentro. Eu gostaria de viver e ser feliz, mas não consigo.

**Eu:** Então você devia mudar esta situação ...

**Ela:** Sim, o meu problema é que eu não me encontro no lugar certo. Sinto que este não é o meu lugar.

**Eu:** Quer dizer que sente *falta de pertencimento social* [deslocada/estranhada; do original em árabe, *ghurba*]?

**Ela:** Sim, *Ghurba*! Isto não tem remédio, nem médico. Sim, exatamente, eu tenho *ghurba* e isto está afetando tudo em mim. Sabe o que mais? Por vezes, acordo e vejo as minhas lágrimas caindo. Não sei por quê. Não sei o que eu vi.

**Eu:** Tem alguma coisa para dizer aos políticos austríacos? Por exemplo, para melhorar as vidas ou os serviços para os refugiados?

**Ela:** [...] mas de 2013 até 2017, e no início de 2018, a situação piorou muito. Muita gente morreu, algumas pessoas perderam suas famílias na frente dos seus olhos. Esta pessoa não é psicologicamente normal. Quando eles vêm para cá e outras pessoas são cruéis com eles, algo de errado vai sair deles.

**Eu:** Quais são os seus planos e expectativas para o seu futuro? Quais são os planos e expectativas para o futuro dos seus filhos?

**Ela:** No geral, a minha filha, com quem eu vivo, gosta muito de Viena. Ela está muito integrada na sociedade, e gosta muito do país. Vejo que o futuro das minhas filhas está aqui. Mas, quanto a mim, para ser honesta com você, não vejo meu futuro aqui. Sinto que quero voltar para o meu país. O primeiro sentimento que tenho sempre é que quero regressar ao meu país. É claro que a realidade diz não, por causa do que está acontecendo. A Síria não está disponível para mim, para eu viver lá. Condições de segurança e vida cotidiana. A moeda é muito fraca. A minha mente diz que o meu futuro está na Áustria, mas as minhas emoções dizem que não posso continuar na

Áustria. Por isso, estou vivendo este conflito e não sei onde ele me levaria. Esta é a razão dos meus problemas internos. Tenho repetido, sempre, uma frase simples: quero morrer na minha pátria. Não quero morrer em Viena.

## **ESTUDO DE CASO 2 – ZARA**

Zara é uma jovem mulher de 24 anos, solteira, que chegou à Áustria em fevereiro de 2016 e é, ainda, uma requerente de asilo. Já lhe foi recusado o asilo uma vez, ao que ela apelou e ainda está à espera de uma resposta positiva. Ela chegou com o seu irmão mais velho para a Áustria, mas vive com um amigo de origem egípcia de cidadania austríaca e o filho do seu amigo. Ela é de origem sunita muçulmana, mas se define como ateia e afirma ter pouca tolerância para discursos morais religiosos sobre a forma como deve conduzir a sua vida.

**Eu:** Como é um dia típico seu, na Áustria?

**Ela:** [Inglês] E eu traduzo, [e] antes de começar a traduzir por dinheiro para a *Queer Base*<sup>9</sup>, eu também traduzia de graça para as pessoas. Traduzo principalmente nos hospitais porque [árabe] as instalações oficiais [inglês] na Áustria não falam inglês. Eles só falam “*Deutsch*” [alemão], e eu não. Por isso, vou sobretudo com os meus amigos, o povo árabe que conheço, que precisa de alguém para ir com eles à universidade, alguém para os levar [menciona duas organizações], por isso estou sempre ocupada. E, também, tenho a minha melhor amiga, ela tem uma criança de 5 anos, passa uns seis dias da semana comigo, partilhamos a nossa “criação” [criação de filhos] e eu tento ficar em casa e não sair de lá porque estou constantemente fora.

**Eu:** Você está cansada, quer dizer.

**Ela:** Sim!

**Eu:** Claro que sim!

**Eu:** Quem são os seus principais contatos sociais na Áustria?

---

<sup>9</sup> Iniciativa firmada em Viena, Áustria, com vistas a prestar auxílio e acolhimento para a população refugiada LGBTQIA+. Para mais informações, pesquisar o website da Queer Base em: <https://queerbase.at/>.

**Ela:** [Inglês] É misturado. Tenho muitos amigos austríacos e tenho muitos amigos árabes, mas por estar muito ocupada, tenho um horário muito ocupado, tento ter contato apenas com, tipo, as pessoas com quem tenho algo a ver [...] estamos fazendo algo valioso.

**Eu:** Quais são as principais questões e desafios que você enfrenta na sua vida cotidiana?

**Ela:** Com relação a mim, a coisa mais importante é a questão “*Deutsch*”. [Inglês] Mas eu não falo *Deutsch*. Na verdade, não estou aprendendo. Apenas penso sobre isso. Portanto, é um grande problema. Penso que, se eu também tivesse *Deutsch*, morreria porque, aí sim, não teria realmente tempo.

**Eu:** OK, agora, em relação ao bem-estar. O que influencia mais a sua vida na Áustria e as suas ações aqui?

**Ela:** Francamente, quero dizer [inglês], primeiro de tudo, sou mulher, então, em uma situação normal temos os nossos altos e baixos, [árabe] mas aqui, quando, em segundo lugar, se é refugiado, a sua situação é estendida. Portanto, há dias em que você se sente bem, há dias em que não se sente bem. Há dias em que ninguém me conhece e dias em que me sinto confortável e em que não penso muito. Faço muitas coisas, mas há dias em que não consigo fazer nada. E dias em que não deixo nada passar [...] [Inglês] apenas apoio emocional. [Árabe] A minha situação não me fará nada, mas, por vezes, as palavras desaparecem. [Inglês] Apoio emocional, [árabe] todas estas coisas, [Inglês] contam. Eu estava realmente deprimida, especialmente quando estive em *Bad Goisern*. [Árabe] Sinto agora aqui [inglês] conteúdo. Mesmo sobre os documentos, não penso muito neles, mas acho que não andam para mim. Eu tenho uma família, a minha mãe, as minhas irmãs. Então, penso sobre estas coisas. Quando estava sozinha aqui eu me via aliviada, a minha família não pensava, eles estavam bem, quando eu receber os papéis.

**Eu:** Pessoalmente, há algo lhe causando problemas?

**Ela:** Não há nada [inglês] em particular. Apenas a questão dos documentos. O preconceito. Mas eles não me trataram muito [com racismo] aqui em Viena. E aprendemos a lidar com isso. Quando se ouve uma palavra que não é agradável, mesmo quando não se fale alemão, responde-se em inglês. Agora, há cerca de 2 dias atrás, havia uma organização chamada [menciona uma instituição], me chamaram para perguntar se eu poderia traduzir,

sério, não foi legal. [...] A minha amiga ficou deprimida, ela não voltou ao curso de alemão. Ela foi ao psicólogo. Como eles querem que ela traduza deste jeito? Ele estava realmente incomodado comigo, por causa da tradução.

**Eu:** Este termo, depressão, é importante para mim ...

**Ela:** Sim! Eu disse para ele, ela está deprimida. Se ela estivesse bem, eu a traria até você.

**Eu:** Ok, e você teve experiências com, assim, o sistema de saúde austríaco, por exemplo, médicos e hospitais? Se sim, como foram?

**Ela:** Eu tenho muitas experiências com o sistema de saúde. No campo da psicologia [inglês], terapia [árabe] e hospitais. Fui a todos eles. Honestamente, é legal. Bem legal. E o e-card é ótimo.

**Eu:** Mas as suas experiências com o sistema foram através do trabalho...

**Ela:** Eu traduzia para as pessoas, mas também fui mais de uma vez a médicos [inglês] generalistas [árabe] e [inglês] oftalmologistas [árabe] bons.

**Eu:** Você se sente positiva quanto ao seu futuro na Áustria?

**Ela:** Há dias em que estou muito entusiasmada. Será assim, e isso e aquilo, e depois de 20 anos será certamente assim. E há dias em que me pergunto: por que quero fazer isto? Por que quero aprender *Deutsch*? Eu não quero papéis. Então ... [inglês] são altos e baixos. Tenho os meus dias bons e os meus dias ruins.

**Eu:** Todos nós, certo?

**Ela:** Todos nós!

**Eu:** Mas, para alguns, isto é mais evidente.

**Ela:** Sim.

**Eu:** Ok. Então, e como você supera seus problemas?

**Ela:** [Inglês] Eu costumava beber [risos]. Mas agora parei. Ocasionalmente. Eu falo com a minha mãe. A minha mãe é uma grande ajuda neste caso. E o meu irmão é uma grande ajuda. Ele é uma pessoa um pouco deprimida quando se fala com ele [risos] mas, porque eu não estou sozinha. Eu tenho o meu irmão. É melhor do que estar aqui sozinha.

**Eu:** Certo!

**Ela:** [Inglês] É uma ligação muito forte. E eu tenho amigos, e estes amigos, eles são, eu fiz um círculo de pessoas em quem posso confiar, com quem posso falar, e consigo ter energia positiva vinda deles.

**Eu:** E, sobre isso, qual é a importância dos seus contatos sociais?

**Ela:** Muito. É como terapia. Quando você fala com os seus amigos é como se fosse terapia.

**Eu:** E o quanto você acha que passa o seu tempo de uma forma proveitosa?

**Ela:** Tento passar todo o meu tempo de uma forma proveitosa, quero dizer, [inglês] tento ser produtiva. Tento terminar todos os compromissos que tenho, eu te disse, na verdade, não vou com as pessoas, tipo, eles me dizem, vamos nos sentar no *Donau* [rio Danúbio, em alemão]. Eu não quero ir sentar lá! Ok? A mesma pessoa me pediu para ir e traduzir para ele, eu digo, ok, eu vou com você. Tento fazer isso ser produtivo porque, no fim, porque eu estava com depressão. Portanto, para mim, no fim, tenho de pensar no que faço. Assim, por exemplo, hoje, quando voltar, vou tentar dormir, vou dizer, ok, este foi um dia produtivo, terminei a entrevista com o Leonardo, fui de manhã para traduzir, fiz comida e vou lavar a roupa do meu irmão e depois vou até a [cita um nome] para ajudar em algumas coisas porque ela está à procura de um lugar, por isso estou feliz, estou contente. Na verdade, os dias tristes são o domingo e o sábado. Porque tenho que dormir. Tenho saudades de dormir, então, agora estou habituada a acordar de manhã, eu costumava dormir por 14 horas. Ou, tipo, 20 horas por dia. E não tive problemas com isso. Então, durmo muito. E agora, fui para Bad Gaisern, dormi, porque estava dormindo na casa dos meus amigos, por isso, fui dormir às 10 da noite, e acordei no dia seguinte, de tarde. Então, tenho um problema com as férias. Por isso, sempre tento ocupar o tempo todo.

**Eu:** Então, sempre que você está ocupada, está feliz, certo?

**Ela:** Sim. [Inglês] E eu trabalho melhor sob pressão. Se me disser, vamos nos encontrar quando tiver tempo, nunca vamos nos encontrar. Mas se me disser temos tempo na quarta-feira, sim, vamos nos encontrar na quarta-feira.

**Eu:** Você se sente confortável, aqui na Áustria?

**Ela:** Eu estou à vontade. [Inglês] mas há algo que eu digo sempre. Por muito que viva na Áustria, por mais tempo que eu viva na Áustria, nunca serei austríaca. Eu gosto de muitas das coisas que eles fazem, mas eu não faço algumas destas coisas e acredito que tenho princípios, da mesma forma como eu me sentia no Iraque, porque [lá] eu sentia o mesmo. Porque vim de uma família liberal, por isso não me enquadrava bem, por isso nunca me



senti como se pertencesse àquele lugar, e agora nunca me sentirei como se pertencesse a aqui, e não consigo fazer parte da minha sociedade e não consigo fazer parte realmente desta sociedade, é tipo, como se eu fosse uma parte, mas vocês serão sempre diferentes. Por isso, estarei sempre presa no meio.

**Eu:** Sim, eu compreendo.

**Ela:** [Inglês] Mas eu estava realmente deprimida por causa disso, mas agora estou olhando para isso de uma forma muito positiva. Como se eu fosse sempre única. As minhas ideias e a minha perspectiva serão diferentes daquelas das outras pessoas.

**Eu:** Certo. E você? O que espera dos austríacos?

**Ela:** [Inglês] Compreensão. [Árabe] Francamente, eu não quero nada deles, apenas, sou humana. Não quero que as pessoas se concentrem na forma como eu falo. Eu estou muito cansada de ser rotulada como refugiada.

**Eu:** E isto está relacionado com o problema que me você me contou, ou seja, a sua depressão?

**Ela:** Sim, sim, sim. Muito. Eu, por exemplo, estou, [inglês] eu estou muito cansada de ser rotulada como refugiada.

### **ESTUDO DE CASO 3 – HABIBA**

Habiba é uma drusa síria de 46 anos de idade. Chegou à Áustria em julho de 2015 e vive neste país com os seus filhos enquanto seu marido vive e trabalha no Líbano. Todos (ela e a sua família) têm direito a asilo na Áustria.

**Eu:** Ok. Quais são seus maiores desafios aqui na Áustria?

**Ela:** Provar a minha existência.

**Eu:** A questão do refúgio?

**Ela:** Provar a si própria, quem você é. Sair de um status de número e entrar em um status humano. Isto é o mais importante.

**Eu:** As expectativas que você tinha antes, mudaram, agora? Como elas mudaram para você, como refugiada, aqui?

**Ela:** Já não vejo a beleza do país, agora vejo como vou trabalhar, como vou provar a minha existência. Como eu atravessarei o obstáculo linguístico?

Nunca aprendemos outro idioma antes, nem mesmo na escola. Neste momento, para tudo o que eu preciso, tenho os meus filhos, que traduzem para mim. Sinto que isto é difícil para mim.

**Eu:** As organizações austríacas te ajudaram no que diz respeito à habitação, ou não?

**Ela:** A esperar. Vivi na Áustria por cerca de 7 meses, sabendo que as pessoas aqui eram muito legais. Mas, para caminhar de suas casas até à estação de trem, são necessários 20 minutos. Às 11 horas, talvez, ou às 12. Não, não há trens às 11 horas nas vilas. Os meus filhos querem ir para casa depois da escola, eles moram em Viena. De manhã, o dono da casa levava meus filhos com ele, já que o filho dele está na mesma escola. Mas na volta para casa eles vêm para *Volkersdorf*. Às vezes não há táxis.

**Eu:** Sim, não há nada.

**Ela:** Sim, não tem ônibus. E, para mim, não tem música, não tem teatro, não há nada. Por isso, senti que não conseguia respirar. Me senti sufocada, fui a um psiquiatra e tomei medicamentos por 6 meses. Então, decidi viver em Viena, custe o que custar.

**Eu:** Quais são as suas experiências, negativas e positivas, no que diz respeito à procura de emprego?

**Ela:** Negativas, quer dizer, depende apenas das relações. O governo não te apoia com isso, e quando apoia te coloca em um lugar que não serve. É apenas você e suas relações. Muitas pessoas frequentam os cursos de idiomas, mas não se beneficiam disso. Elas estão lá com o seu corpo, mas não com o seu cérebro. Elas conseguem compreender as coisas quando estão com um sofrimento psicológico? São capazes de resolver seus problemas de forma correta? Claro que não. Então, primeiro, deve haver cuidados psicológicos com este refugiado e, só depois, começar a fazer cursos de línguas. Mesmo que por um curto período de tempo. Se não for possível fazer isso, traga árabes mais velhos para o país, para ajudar este refugiado, para ser responsável por ele, para liderar e dizer o que se deve fazer. E isto deve ser feito imediatamente, e não fazer ele esperar por 5 ou 6 meses, sem que ninguém tampouco pergunte sobre o refugiado.

**Eu:** E houve ajuda de ONGs austríacas na procura de emprego?

**Ela:** Tenho uma entrevista com [cita a instituição] no dia 26 – vou dizer a eles tudo o que consigo fazer. Desde a atuação teatral até a gestão do teatro,

passando por cuidar de crianças e mulheres árabes. Vou contar a eles tudo o que posso fazer. O mais importante é trabalhar e sair de algo que está me deixando [inglês] estressada.

**Eu:** Então, você quis vir para Viena desde o início, e não para a Alemanha?

**Ela:** Mesmo quando meus amigos me ajudaram a solicitar o visto, foi na Embaixada da Áustria.

**Eu:** Diretamente na Embaixada da Áustria.

**Ela:** Sim. Eu não pensei em outros. Apesar de ter familiares na Suécia. Me disseram para me registrar nos campos do Líbano e ir para o Canadá; temos muitos parentes no Canadá. Eles vivem nesses países, mas há depressão. Tive medo pelos meus filhos.

**Eu:** Claro. E o que mudou na sua vida desde que o seu asilo foi aceito aqui?

**Ela:** Senti muita segurança e felicidade. Naquele dia dormi muito. Sonhei. Senti algo que me deixou feliz, algo que está relacionado com [citou nomes], meus filhos. Mas, claro, quando a Síria estiver melhor, voltarei para a minha casa. Mas não para meus filhos, porque [mesmo] em 200 anos a Síria não poderá construir um futuro para eles.

**Eu:** Entendo, claro. Isto é muito difícil.

**Ela:** Eu dormi, de verdade. Senti que já não dormia há mais de um ano. Dormi feliz. Graças a Deus. Quando fiz os passaportes, então, senti a imigração de verdade. Quem sou eu? O que sou eu?

**Eu:** Você poderia me dizer quem foi relevante e quem ainda é relevante na sua vida aqui na Áustria? Como pessoas e organizações. Claro, não quero os nomes das pessoas. Por exemplo, [cita uma organização] é uma delas.

**Ela:** Eles me beneficiaram com pequenas coisas e foram embora. Eles se conheciam, o que mais podem fazer? E então é você e os seus esforços. Como você pode construir relações com estas limitações financeiras? São responsáveis por uma família, por isso não podem gastar muito tempo [em coisas triviais] porque têm trabalho e [aprendem] a língua, e todos estão ocupados. Sentimos que não há ninguém para tomar conta de nós. Nenhum cuidado verdadeiro, nenhuma direção para a qual as pessoas possam se dirigir. A propósito, muito dinheiro está sendo gasto, mas de forma errada. As pessoas precisam de um sistema de cuidados, e nele se constroem caminhos, se paga menos dinheiro e se traz pessoas para apoiar. Você traz pessoas para apoiar psicologicamente, porque, senão, você não consegue.

Eu conheço pessoas aqui, doutores nas universidades, que não saem de casa. Vivem com depressão, em uma concha estranha.

**Eu:** Agora, conte um pouco mais sobre o bem-estar.

**Ela:** A minha saúde?

**Eu:** Sim, mas também a sua saúde psicológica. A primeira coisa que quero saber é, como se sente agora?

**Ela:** Bem, eu fiquei psicologicamente deprimida, sabendo que ajudei pessoas deprimidas. No meu país, no teatro, a peça mais importante que fiz foi para crianças deprimidas. Nunca achei que eu mesma ficaria deprimida. Mesmo que eu vá ao mercado para comprar molho de tomate, eu esqueço, ainda que eu tenha escrito uma lista. Volto para casa e choro como criança. Se meu filho me pede para lhe trazer algo ou para que compre a ele alguma coisa, eu me preocupo a noite toda, não durmo e choro muito. Eu choro onde quer que eu vá, e fico deprimida. Em termos de saúde, durante um ano, fiquei com tensão muscular em todo o meu corpo. Eu me movia como um robô. E isto é parte da depressão. Isto é uma crise psicológica. Fiquei cansada e me pediram para fazer um ECG [eletrocardiograma] para o meu coração. Descobriram que acelerei o ritmo cardíaco e que poderia sofrer uma cirurgia nos próximos dois meses. Esta sensação é pesada.

**Eu:** Está bastante sozinha? Ou fala com amigos ou família para lidar com seus problemas?

**Ela:** Não tenho ninguém aqui, não tenho familiares. E meus amigos aqui são todos iguais a mim. Pelo contrário, talvez eu esteja mais consciente do que eles. Mesmo quando quero me encontrar com eles, eles estão todos ocupados. Mesmo quando você está em casa, tem que estudar porque não está se dando bem com a língua. E você tem que terminar porque tem coisas para fazer. Todos têm obsessões, e ninguém está estável e relaxado. Você vê seus amigos rapidamente quando tem coisas para fazer.

**Eu:** E você deve falar com alguém que não tenha muitos problemas, para que se sinta relaxada. Para esquecer um pouco dos problemas.

**Ela:** Quero pedir a alguém que seja forte, para que possa me apoiar, e não aos fracos.

**Eu:** Entendo.

**Ela:** Todos nós somos fracos.

**Eu:** Até que ponto...

**Ela:** Quando tive depressão, eu não trouxe felicidade. Pelo contrário, tentei não conhecer pessoas porque sentia que lhes ofereceria energia negativa. Todas as noites, quando os meus filhos dormem, eu me sinto mal. Acordo e olho para [citado um nome] e consigo tirar energia disso, enquanto ela dorme. E vou falar com meu filho, sentando na cama e olhando para a sua cara, conseguindo energia também assim. Eu choro muito e, no dia seguinte, me levanto melhor e mais forte. Digo a mim mesma que tenho que ir, que tenho que trabalhar e que tenho que andar. Quando não encontro nada, caminho nas ruas antigas de Viena, na *Stephansplatz*. Me sento sozinha em algum café e fumo.

**Eu:** Para respirar um pouco de ar.

**Ela:** Sim. Às vezes, me perco e me pergunto onde estou. Eu criei algo de especial para mim nas ruas e nos cafés. Agora estou bem.

#### **ESTUDO DE CASO 4 – AZIZ**

Aziz tem 33 anos de idade e é solteiro. Chegou à Áustria em dezembro de 2015 e, após alguns meses, teve seu pedido de reconhecimento como refugiado aceito. É um alauita da Síria, e vive com uma companheira alemã em Viena, enquanto toda a sua família ainda vive na Síria.

**Eu:** Quem são os seus contatos sociais mais importantes na Áustria?

**Ele:** Quero dizer uma coisa. Antes de eu conhecer esta mulher [companheira] alemã, era difícil conhecer uma garota ou, mesmo [fazer], um amigo. Isto é um pouco difícil. Primeiro, o tipo de relações sociais aqui na Europa. Um rapaz não tem relações com outro rapaz. Há, mas não como nós, árabes, sabe como é a amizade entre árabes. É como a fraternidade. Eu vou dormir na casa dele, e ele vem para ficar na minha casa. Poderíamos também dividir uma cama. Ficamos juntos. Mas aqui os rapazes são diferentes. Se eu buscasse um contato direto com alguém, ele pensaria imediatamente que sou gay. Entendo que existem diferenças culturais. Ao mesmo tempo, quando quero conhecer uma garota, enfrentei isto mais de

15 ou 20 vezes, quando ela fica sabendo que eu sou da Síria, ela diz “*Danke schön*” [muito obrigado, em alemão] e parte.

**Eu:** Sérió? Isto é difícil. As pessoas que você conhece são em maioria do seu país, da Síria. Ou não? Você conhece também austríacos?

**Ele:** Recentemente, comecei a conhecer mais estrangeiros. Há 5 meses atrás eu não conhecia nenhuma pessoa europeia. Tive de lidar com pessoas do meu país e especialmente de Lataquia.

**Eu:** Então, eles não se mostraram abertos para você. Você conhece também pessoas da Síria, ou árabes?

**Ele:** Sim, tenho amigos.

**Eu:** Como [citou um nome].

**Ele:** Sim [citou um nome], e outros dois.

**Eu:** Não muitos.

**Ele:** Sim, não muito. Quatro.

**Eu:** Quais são os maiores desafios que você tem na sua vida aqui na Áustria?

**Ele:** Estudos e idioma são os maiores desafios que tenho e, depois disso, trabalho. Posso falar com detalhes sobre este assunto?

**Eu:** Sim, claro.

**Ele:** A mídia na Europa está criando um grande problema sobre nós, refugiados. Quando chegamos aqui pela primeira vez, disseram que refugiados são maus e terroristas. E, depois, nos perguntaram por que não estávamos trabalhando. Quem iria nos contratar, então? Se você fosse dono de uma empresa, ou de uma firma, e ouvisse sempre coisas ruins sobre sírios ou refugiados, você me contrataria?

**Eu:** Claro, eu entendo.

**Ele:** Não contrataria. E no fim, perguntam na televisão por que é que os refugiados não trabalham. Por isso, agora, o trabalho é um desafio. A língua também é um desafio porque só estudamos o idioma na escola, e não conseguimos fazer contatos com as pessoas, já que a sociedade nos recusa.

**Eu:** Como suas expectativas mudaram, depois da sua vinda para cá?

**Ele:** Eu fiquei chocado com a realidade. A sociedade nos recusa e é difícil encontrar um emprego. Portanto, você começa a desistir, e passa a pedir para trabalhar em qualquer outro emprego, mesmo que não seja a minha profissão. Num restaurante, ou em qualquer trabalho, para se ver livre do Gabinete Social e Laboral.

**Eu:** Então, você não gosta da sua situação com o *Sozial* [sistema de assistência social austríaco]?

**Ele:** Não, eu não gosto.

**Eu:** Então, você precisa mudar a situação.

**Ele:** Exatamente. Estou tentando mudar. Eu mesmo fiz, comecei a ir ver restaurantes, e a perguntar se precisavam de trabalhadores. Mas quando sabem que eu sou da Síria, aí dizem que não.

**Eu:** Direto assim?

**Ele:** Sim, direto. Eles pedem desculpa.

**Eu:** Entendi. E com o que você trabalharia, aqui no país, se tivesse a oportunidade?

**Ele:** [...] Eu também quero trabalhar com nutrição.

**Eu:** O que é isso?

**Ele:** Nutrição, alimentação saudável, vegana. Eu sou vegano.

**Eu:** Certo, eu entendo.

**Ele:** Espero trabalhar com isto de forma profissional, porque aprendi na Síria de uma forma profissional. Sem certificado, apenas com experiência.

**Eu:** Quais experiências positivas e negativas você teve na sua procura de emprego?

**Ele:** Negativas.

**Eu:** Apenas negativas.

**Ele:** Para ser sincero, são negativas porque me cansei de buscar um emprego. Um trabalho digno que respeite meu certificado, meu pensamento e a minha mentalidade. Infelizmente, é difícil aqui. Claro, a língua é uma barreira. Há 5 meses, depois de ter conhecido esta mulher alemã, a minha fluência na língua começou a melhorar. Mas antes, nesses 5 meses, eu não tinha [habilidades com] a língua alemã, e o trabalho é muito difícil. Quando se quer trabalhar em algo, as pessoas dizem para ir trabalhar no McDonalds. Não tenho problemas com isso, mas isso me entristece. Talvez ali eu não trabalhe de coração, e trabalharei sem gostar. Eu não estudei para trabalhar em outra profissão. É difícil para mim; quero trabalhar na minha profissão.

**Eu:** As organizações austríacas são relevantes com relação a esta questão?

**Ele:** Como assim?

**Eu:** As organizações austríacas. Como a [cito duas organizações, mencionadas pelo entrevistado].

**Ele:** Sim, organizações. Sinceramente, não tenho qualquer tipo de contato com organizações. Porque a vida nos trouxe até aqui. Você se sente pressionado a encontrar um emprego e também a estudar. Para além disso, tem a depressão que se sente quando se ouve notícias sobre a Síria. Ficamos estressados sempre que ouvimos notícias sobre a Síria, e sobre a guerra no país. O seu estresse é permanente, todos os dias. Por um tempo tive dor de cabeça. Como é que chamam isso? Enxaqueca?

**Eu:** Enxaqueca.

**Ele:** Sim, exatamente. Tive por 2 meses, por causa da situação na Síria, e porque a minha família estava em perigo. Depois, tive dores de cabeça terríveis, e não consegui dormir bem, por causa desse assunto. É por isso que não tenho tantos contatos com organizações. Além disso, não é que tenha perdido a confiança nelas, mas sei que existem quantidades enormes de sírios. Portanto, quando vou a uma organização e encontro 100 sírios esperando, não vou conseguir o que quero em pouco tempo. E a minha solicitação será ignorada. Haverá milhares esperando. Espero que você entenda o que digo.

**Eu:** Você pode me falar sobre os lugares onde ficou aqui na Áustria quando chegou? Depois de ter vindo?

**Ele:** Depois de ter vindo eu vivi, primeiro, 3 ou 4 dias em *Traiskirschen* [campo de trânsito austríaco], e depois me mudei para uma pequena pensão em uma aldeia abandonada. Sabe o que isso significa? A pensão está lá e a aldeia fica a 2 km de distância. Não tem internet. Compramos cartões de internet que não conectavam. E sempre que precisava comprar coisas, tínhamos que ir a 2 km de distância e voltar. Quando cheguei estava frio aqui, e tinha neve. Eu iria morrer de frio se quisesse comprar arroz. Depois me mudei para Viena. Tinha um amigo que vivia aqui e que tem uma casa. Morei com ele por 15 dias, e depois vi outra casa no 13º distrito. Eram todos sírios. Claro, não quero dizer que em toda a minha viagem da Síria até a Áustria, ou mesmo aqui na Áustria, estive exposto a situações sectárias. Tenho um problema sectário aqui, por causa da guerra na Síria.

**Eu:** Claro. Se me permite perguntar, a sua origem é...



**Ele:** Eu sou alauita<sup>10</sup>.

**Eu:** Sim, é por isso que é muito difícil para você.

**Ele:** Muito. Quando vou a esta casa sou xingado e atacado.

**Eu:** Pensam que você apoia Asad [o presidente sírio].

**Ele:** Exatamente. Mesmo que eu não esteja com Asad, só porque você é de outra expressão religiosa, você enfrenta maldições, grito e ofensas. Depois me mudei para uma casa no 2º distrito, onde tive que ficar com um argelino, para poder me afastar do meio sírio e dos problemas sectários [...] e você fez isto na Síria.

**Eu:** É mesmo? Muito difícil.

**Ele:** Apesar disto, eu não estou defendendo, eu compreendo os outros e digo que está tudo bem. Nós somos maus. Estou tentando o melhor que posso e vivi com este argelino [...].

**Eu:** Eu sinto muito, querido. Isto é muito difícil.

**Ele:** Quase fui morto algumas vezes no caminho, porque sou alauita.

**Eu:** E foi mais fácil para você estabelecer contatos sociais aqui em Viena [do que nas zonas rurais austríacas]?

**Ele:** Pensei que seria mais fácil, mas infelizmente foi difícil.

**Eu:** Também foi difícil. Você pensou que seria mais fácil, mas não foi.

**Ele:** Eu esperava que fosse mais fácil, mas acabou sendo difícil.

**Eu:** Sim. E onde foi que você mais se sentiu como sendo parte da sociedade local?

**Ele:** Parte da sociedade local?

**Eu:** Se é que existe um lugar assim.

**Ele:** Honestamente, não.

**Eu:** Gosta do seu atual distrito e dos seus vizinhos?

**Ele:** Os meus vizinhos [...] Viena é uma bela cidade. Os vizinhos que eu tinha enquanto estava no 20º distrito eram muito racistas, em relação a nós.

**Eu:** Mesmo aqui em Viena?

---

<sup>10</sup> Nota do tradutor: Alauita. Referente a uma das expressões do Islã. Expressiva na Síria, esta expressão da religiosidade muçulmana, historicamente proveniente do islamismo xiita, é conhecida, também, por ser relacionada à família do presidente sírio Bashar al-Assad. Trata-se de uma minoria numérica, representada por cerca de 10% da população síria muçulmana. Esta referência percentual pode variar, para mais ou para menos, de acordo com a fonte.

**Ele:** Os nomes sírios ou árabes assustavam [os vizinhos]. Embora eu não seja muçulmano. Eu sou ateu. Sabe o que significa? [...] Tive problemas com árabes porque eles não me aceitam como ateu e eu não acredito na existência de Deus. E os europeus pensam que eu sou muçulmano.

**Eu:** [Mas] Você gosta do seu bairro atual e dos seus vizinhos?

**Ele:** Na verdade, há muito medo do Islã [...] Eu entendo isto, tive choques aqui. Quando me vejo rejeitado por uma, duas ou três garotas. Havia aqui pessoas muçulmanas, e não eram extremistas. Se tornaram extremistas porque as pessoas daqui os rejeitam.

**Eu:** Eu sei como é! Isto não é agradável.

**Ele:** Eles vieram moderados, da Síria. Mas quando viram que a sociedade os rejeita e que não aceitou conhecê-los... Eu tenho um amigo na Alemanha, ele era muito moderado na Síria, sabe o que significa moderado? Ele não é extremista, mas se tornou um depois de ter vindo para cá. Perguntei por que, para ele, e ele explicou que enfrentou algumas situações, e lhe xingaram, falaram coisas ruins para ele. Falei com este amigo, deixei ele relaxado, e expliquei que ele tem que entender os outros. Se outros pensam algo sobre você, você deveria aceitar. Mostre a esta pessoa que você é bom.

**Eu:** Claro. Existem organizações ou pessoas relevantes para você, que são daqui? Eu não quero nomes.

**Ele:** Organizações ou?

**Eu:** Pessoas. Talvez esta alemã seja muito relevante para você aqui. Pessoas e organizações.

**Ele:** Não tenho quaisquer contatos com organizações, e com pessoas só com esta alemã. Ela é fundamental na minha vida.

**Eu:** Em que contexto essas pessoas foram relevantes para você? Por exemplo, você me falou desta mulher...

**Ele:** Sim. Sinceramente, com esta mulher e com o meu novo trabalho. Eu não tenho outros contatos.

**Eu:** Em que contexto este contato é importante para você?

**Ele:** Em que lugar?

**Eu:** Em que contexto? Esta é uma pergunta difícil?

**Ele:** Não é difícil.

**Eu:** Por exemplo, em relação a ter vida social. Ou houve ajuda em relação ao trabalho ou aos estudos.

**Ele:** Para ser honesto, a primeira coisa que eu tive foi estabilidade emocional. Porque, para mim, se eu não amo, não consigo viver com uma mulher. Algumas pessoas podem viver com uma mulher para aprender a língua.

**Eu:** Isto também é importante.

**Ele:** É importante. Mas a minha prioridade é amar a mulher e, depois, aprendo a língua. Sou honesto comigo mesmo ao ponto de não conseguir viver com alguém se não gostar realmente dela. O amor vem primeiro, comigo, e depois o interesse. E se eu não amo, não aprendo.

**Eu:** Gostaria de saber mais, agora, sobre bem-estar. Refiro-me à saúde física e à saúde psicológica. Como você se sente agora?

**Ele:** Mais do que feliz agora, mas eu tive depressão durante um ano e meio, por causa da questão da integração aqui. Além disso, a situação na Síria estava muito ruim. Portanto, eu estava psicologicamente muito cansado. Bombas aqui e ali, e eu estava sempre me sentindo estressado. Tenho 10 amigos que morreram na Síria. Cada mês, ouço dizer que morreu um amigo e me sinto mais deprimido. As famílias estão perdidas e eu não sei nada sobre elas até agora. Isto me causou muita depressão. Agora a situação está melhor, politicamente. Agora está mais segura e já não há mais muito Estado Islâmico [ISIS], como antes. Isto tudo, também ter estado em contato com esta mulher, me fez me sentir mais confortável.

**Eu:** Eu sinto muito, isto é muito difícil. Eu não tenho palavras, mas sei que é muito difícil.

**Ele:** Obrigado.

**Eu:** E o que te incomoda?

**Ele:** O que me incomoda aqui na Áustria?

**Eu:** Na Áustria ou fora dela, na sua vida em geral.

**Ele:** A guerra na Síria e a política. O problema é que eu leio a política muito bem. Quando vejo o que está acontecendo no mundo, e como o mundo está jogando na Síria, me incomodo muito. Há muitas mentiras na mídia, você sabe a verdade e isto faz com que você fique estressado. Tudo o que está acontecendo são mentiras. Isto é o que me incomoda mais, também aqui na Áustria. Me incomoda quando as pessoas não se integram com você. Algumas pessoas pensam que viemos aqui para incomodá-las, mas nós viemos aqui porque fomos obrigados. Eu podia fazer o meu doutorado na

Síria e ser professor nesta universidade. Por que eu viria aqui para trabalhar em um restaurante? Estou começando do zero aqui. Vejo isto como algo muito difícil.

**Eu:** Claro. Você se sente positivo neste país?

**Ele:** Por 5 meses. Não sei o que dizer; um pouco, quando você encontra alguém que te ajude neste país, vai se sentir positivo. Mas quando você ver que todos se afastam de você e que ninguém te quer, e não querem que trabalhe para eles, aí você sentirá uma pressão negativa e psicológica [sic]. Agora, conheci um amigo, que me aceitou e está fazendo piadas comigo no prédio, por exemplo. Assim você sente que a vida aqui é bela.

**Eu:** Entendo. Como você lida com os seus problemas?

**Ele:** Apenas com um sorriso. [...] Cada problema que tenho eu tento analisar, compreender e ver a partir de outros pontos de vista. Leva tempo. [...] Como há algum tempo atrás, havia uma pessoa no *U-Bahn* [sistema de metrô em Viena], ele viu que eu parecia um árabe e que eu estava conversando com minha irmã, na Síria. Eu estava falando árabe no telefone. Ele começou a xingar e a bater nos meus óculos. Começou a gritar e a perguntar “o que te trouxe até este país?”. Ele é apoiador de Strache e Kurtz [políticos austríacos]. E depois, quando eu estava saindo, o agradeci e disse “tchau tchau”. Depois disso, comecei a entender ele. Os meios de comunicação, aqui, estão mostrando que os muçulmanos são isto e aquilo. Se eu fosse deste país, se eu fosse austríaco, me comportaria como ele.

**Eu:** Claro que ficaria bravo.

**Ele:** Fanático, não bravo.

**Eu:** Você recebe ajuda de amigos íntimos quando precisa?

**Ele:** Não, eu crio minha própria felicidade, de dentro.

**Eu:** De dentro de si mesmo?

**Ele:** Eu crio felicidade a partir de mim mesmo.

**Eu:** Por exemplo, você não fala com sua família sobre esses problemas.

**Ele:** Eu falo com a minha mãe todos os dias, por isso sei o que se passa com eles. Sei que eles estão em guerra e é uma obrigação fazer contato diário com eles. Mas, acredite, quando entrei em depressão, eu ajudei a mim mesmo a sair dela. Quanto à felicidade, tento o meu melhor. Se estou em uma atmosfera depressiva, tento colocar um sorriso e dar uma gargalhada,

e isto é uma obrigação. Isto é uma obrigação – não conseguimos continuar a vida deprimidos.

**Eu:** E agora, como você se sente em relação à Áustria e aos austríacos?

**Ele:** Sinto que eles têm medo de nós. Posso até aceitar isso, mas gosto deles e os respeito, porque não é fácil – um país sem tantos refugiados e de repente vem esta grande quantidade. E eles estão recebendo dinheiro do *Sozial* [sistema de assistência social austríaco] e aceitando as pessoas facilmente. Respeito que haja um grande número de pessoas que disseram “sim”. Me sinto tão feliz quando vejo pessoas indo às manifestações com os refugiados, como forma de respeito pelos refugiados. Vou ser honesto, e vou dizer, os austríacos são muito mais respeitosos do que nós, árabes.

### **ESTUDO DE CASO 5 – FAISAL**

Faisal é um homem de 39 anos, de origem palestina, mas nascido na Síria, que chegou à Áustria em abril de 2015 e, mais tarde, foi reconhecido como refugiado. Na Síria, se casou com outra refugiada palestina da Síria. É muçulmano sunita.

**Eu:** O que mudou na sua vida, desde que recebeu os seus documentos de asilo? Por exemplo, estava trabalhando, não sei.

**Ele:** Não. Eu não estava trabalhando nem estudando. Estávamos vivendo no campo [de refugiados]. Um professor vinha como voluntário, para nos dar aulas. Mas você não está psicologicamente estável, porque você não tem o asilo reconhecido. Quando recebi os meus documentos, me senti psicologicamente estável e comecei a receber ajuda do *Sozial* [sistema de assistência social austríaco]. Claro que a essa altura minha família estava na Turquia e precisava pagar o aluguel, e não havia ninguém para os apoiar economicamente, por isso eu mandava [dinheiro] para eles. Portanto, havia alguma estabilidade para que eu mantivesse minha família a salvo na Turquia e a ajudasse.

**Eu:** Agora vamos mudar de assunto. Vamos falar de saúde pública. Como você se sente, não só em termos do seu corpo, mas também psicologicamente? Como você se sente agora?

**Ele:** Sim, não só fisicamente, mas também psicologicamente, eu me sinto melhor.

**Eu:** Mas também está triste, ou não?

**Ele:** Não estou triste, mas a vida social foi o que eu perdi, apenas isso.

**Eu:** Quais são as coisas que afetaram os seus sentimentos com relação à sua carreira? [...] O que é importante na sua vida?

**Ele:** O que afeta a minha vida é que, como te disse, aqui não tem vida social. As crianças sentem-se bem indo para a escola, tirando proveito e melhorando, seguindo em frente até encontrarem seus amigos austríacos. Então, isto não está me afetando. A minha mulher está sofrendo por causa da falta de vida social, ninguém vem visitar.

**Eu:** Só por ela ou por você também?

**Ele:** Por ela e também por mim. Para mim, é mais fácil. Vejo o meu amigo e tenho colegas no trabalho, mas a minha mulher, não. A mulher do meu amigo, por exemplo, se aproximarem uma da outra, mas esta seria apenas uma. Não mais.

**Eu:** Como se sente sobre o seu futuro aqui na Áustria? Qual é a importância das suas relações sobre este assunto?

**Ele:** Quantos problemas eu tivesse e o que quer que acontecesse comigo, eu costumava voltar e falar com a geração mais velha.

**Eu:** O que você acha que a Áustria deveria fazer para que você pudesse ter uma vida melhor?

**Ele:** Acho que o que se deve fazer é facilitar as condições, ou regras, para a nacionalidade, porque é muito difícil, especialmente para nós, *staatenlos* [alemão para apátrida]. Não temos uma pátria, eu já era refugiado na Síria e vim como refugiado para cá. Esta questão é psicologicamente muito difícil para mim. O meu pai era refugiado e eu vivi a minha vida na Síria como refugiado, por isso, a maior parte da minha vida vivi como refugiado. Por conta disso, desejo que meus filhos tenham a nacionalidade.

**Eu:** E a sua mulher, é refugiada palestina?

**Ele:** Sim, eu te disse que vivíamos reunidos e que éramos todos refugiados.

**Eu:** Quais você acha que são os principais passos necessários para se estabelecer na Áustria?

**Ele:** A prioridade é que as oportunidades de emprego se tornem mais fáceis.

**Eu:** Antes da língua?

**Ele:** Para mim, como já te disse, tudo vai em um bom ritmo. Mas é importante para os meus filhos. Talvez os meus filhos fiquem melhores do que eu com a língua, mas eles ainda não estão no nível de continuar os estudos. Há níveis para a língua. Para mim, é encontrar uma oportunidade de emprego de forma mais fácil do que agora e na área que gosto. Para os meus filhos, não, a língua é a mais importante porque eles precisam da língua para poderem continuar os estudos.

## SÍNTESE

Estas entrevistas mostram o reconhecimento geral dos entrevistados quanto a problemas psicológicos relacionados com o deslocamento e com a adaptação a uma nova realidade, associada, na sua maioria, à insegurança. Mesmo aqueles que relatam os efeitos destes problemas em seus próprios corpos ainda apresentaram tendência a definir estes problemas como efeitos psicológicos de instabilidade, crise ou angústia.

Leyla relatou sentir um distanciamento, privação de direitos (*ghurba*) e depressão (*ka'aba*), que ela define como um problema psicológico que pode não ter solução. A depressão, para ela, é um mal-estar que a faz se sentir impotente, que a fez procurar um médico que buscou controlar a depressão com a prescrição de remédios. Mas o que ela sente, a falta de sentimento de pertença/estranhamento do mundo, não pode ser resolvido tomando medicamentos, em sua opinião. Ela expressa um sentimento de “fragilidade interior”; sentindo-se impotente, sem capacidade (*qudra*) para sair de casa e interagir com as pessoas ou, mesmo, para ler, o que, por sua vez, ela mencionou como uma das coisas mais significativas em sua vida. Assim, se sente sozinha (*waḥida*) e desconectada de sua realidade, em Viena. Em sua impotência, “seu cérebro para”, e ela procura por coisas que a motivem, até

encontrá-las em seu neto, que lhe dá “energia” (*ḥaluya*). Tudo isto faz com que ela anseie pela vida que tinha em seu país, onde, em última análise, deseja que sua vida termine. Ou seja, retornar à sua antiga vida, em seu país, seria a solução final para seu problema. Portanto, enquanto isto não acontece, seu mal-estar psicológico parece não ter solução.

Zara relata, também, que, por vezes, sente que “ninguém a conhece” (*majhula*). Ela se encontra estranhada. Quando tem coisas que ocupem sua mente consegue afastar os pensamentos desta situação. Mas quando isto não acontece, ela se sente estranhada. Ela diz que ela e sua amiga ficaram deprimidas quando afirma que, literalmente, estão “psicologicamente cansadas” (*nafsiaty ta’abane*); isto é, sem forças para se engajarem com a vida. O termo que ela escolhe em inglês para expressar este estado de espírito é “depressão”. Ela expressa ainda mais o sentimento de estranhamento, afirmando que todas [as pessoas] são diferentes dela. Ela é, em suas palavras, “única”. Ela também expressa estar “psicologicamente esgotada”, ou deprimida, e estar “farta e cansada [do original em inglês *sick and tired*, significando literalmente “doente e cansada”] de ser rotulada como refugiada”.

O maior desafio de Habiba, na Áustria, é o de provar a sua própria existência. Assim, ela também sente estranhamento – desligada da realidade –, ao relatar que tem sua individualidade, e, portanto, a sua “humanidade” perdida ao ser tratada “como um número” entre outros refugiados. Isto a fez se sentir sufocada (*akhtanaqa*), sem fôlego, o que a levou a buscar um psiquiatra, que receitou suas medicações. Ela expressou seu estado mental como estando sofrendo psicologicamente (*ḍughuṭ nafsya*) e em uma crise psicológica (*azma nafsya*), o que, logicamente, a impede de resolver seus problemas por conta própria. Ao



falar de seus familiares na Europa, ela menciona que eles também vivem com depressão (*ka'aba*), sem cuidados (*haḍan*). Da mesma forma, outras pessoas que ela conhece, na Áustria, também estão deprimidas (*ikti'āb*), vivendo “em uma concha esquisita” (*qawq'a gharibya*), ou seja, em relativo isolamento. Ela atribui estes sintomas ao fato de estar psicologicamente deprimida (*hāly nafsyā iktā'bat*), o que foi agravado por ela ter ajudado pessoas deprimidas (*makt'bin*). Durante este período de aflição, ou crise, ela evita conhecer pessoas, para não compartilhar com elas esta “energia negativa”. A sua depressão levou à insônia e a faz chorar onde quer que vá. Também sofre de tensão muscular generalizada. Tal como Zara, encontrou conforto em sua família – desta vez no seu filho, de quem, em suas palavras, ela absorve energia enquanto ele dorme. Contudo, sempre que sai de sua casa se sente perdida.

Aziz sente que a sociedade austríaca o rejeita. Para ele, esta rejeição é compreensível (ele não se sente no direito de trabalhar, sendo estrangeiro), mas o deixa triste (*bḥazany*) e pode ser que não consiga se envolver com este contexto “de coração” (*min qalby*), apenas sob pressão (*dghuṭ*). A situação atual na Síria o faz sentir depressão (*ikti'āb*) e stress (*bi-stress*). Ele relata ter tido enxaquecas por dois meses seguidos, o que o impediu de dormir. Também se sente marginalizado na Áustria, e que não pertence ao país. No entanto, quando encontrou a mulher que veio a ser sua companheira na Áustria, passou a sentir estabilidade emocional (*istiqrār bil-'āṭife*). Isto tirou Aziz da sua depressão (*ikti'āb*), que ele atribuiu à questão da integração (*indimāj*) na Áustria. Referiu-se à depressão, assim como às outras pessoas, como sentindo-se psicologicamente cansado (*nafsiaty t'abane*), sofrendo de estresse (*bi-*

*stress*) e se sentindo perturbado (*biz'aj*) sempre que as bombas caem na Síria. Quando seus amigos morreram ele ficou ainda mais deprimido (*ikti'āb akthar*). Ao fixar-se na Áustria junto com sua parceira de vida, se sentiu mais confortável (*mirtah*). Quando sentiu que ninguém o ajudava na Áustria, se sentiu sobrecarregado (literalmente, pressão psicológica (*dghuṭ nafsy*), contudo, a partir de quando começou a relação com sua companheira, sentiu que podia construir “felicidade a partir de dentro” (*min juwa*). Sentiu que precisava criar felicidade por si só porque não queria sobrecarregar sua família e seus amigos, que já estão sob muita pressão na Síria. No entanto, ainda se sente relativamente marginalizado na Áustria, uma vez que as pessoas têm “medo de nós [deles]”<sup>11</sup> (*khaif minna*).

Por fim, Faisal expressa sentir que não está psicologicamente estável (*mustaqar nafsyān*) enquanto não tem o seu direito ao asilo reconhecido. Foi apenas depois que seu status oficial mudou de requerente de asilo para refugiado e depois de ter recebido ajuda financeira do sistema de bem-estar social austríaco, que ele se sentiu psicologicamente estável. Segundo ele, a sua esposa ainda sofre (*bta'an*) com a falta de vida social, uma vez que não tem amigos ou mesmo alguém com quem possa falar, na Áustria. A questão do refúgio é psicologicamente difícil para ele e para a sua família (*kthir sa'ab 'aleyāna, nafsyān*), já que seu pai era ele próprio um refugiado e, assim, Faisal viveu toda a sua vida como refugiado palestino na Síria.

As expressões de bem-estar acima mencionadas – ou falta destas – apareceram em pelo menos metade das entrevistas que realizamos

---

<sup>11</sup> Nas entrevistas, “nós” significou, por vezes, “os refugiados” e, outras vezes, “os muçulmanos”, ou “os sírios”.

entre sírios e iraquianos através do LODA. Quanto à outra metade, não se pode tomar a não expressão verbal de sofrimento psicológico simplesmente como a ausência desta realidade. Embora seja lógico concluir que alguns entrevistados não sentem angústias psicológicas, também, é lógico concluir que muitos simplesmente não se sentiram confortáveis o suficiente para compartilhar estes sentimentos com os entrevistadores, ou não estavam conscientes destas questões ou as interpretam de forma distinta. No entanto, as expressões apresentadas nestes cinco casos são muito mais gerais nas entrevistas. Por exemplo:

Amina é uma refugiada síria de 56 anos de idade que chegou à Áustria em junho de 2016. É drusa e vive em Viena com o seu marido e sua filha. Quando questionada sobre os principais desafios de se viver como refugiada na Áustria, ela mencionou: “Gera angústia psicológica [*azma nafsyia*]. Quero dizer, onde quer que as pessoas estivessem felizes [antes do deslocamento] haverá *ghurba*, *ghurba* para a nação, *ghurba* para a família, trabalho, amigos ... isto”.

Anis é um homem sírio de 53 anos, muçulmano sunita, que chegou à Áustria em outubro de 2015 e tem vivido neste país como refugiado com sua mulher e filhos. Quando questionado sobre os seus planos para o futuro, respondeu:

Espero encontrar a mim mesmo. Para adquirir habilidades na engenharia, habilidades arquitetônicas. Assim, um dia, eu poderia fazer algo. Porque um humano sempre sonha em fazer alguma coisa. Especialmente eu, como arquiteto, sempre me vejo com isso [um sonho]. Se eu tivesse oportunidade, eu trabalharia, se não aqui, talvez se eu voltasse para a Síria.

Adil é um muçulmano sunita do Iraque, de 30 anos. É solteiro e vive em um apartamento que divide com outros dois companheiros, um da

África subsaariana e outro da Alemanha. Chegou à Áustria em maio de 2014 e obteve asilo, ao contrário da maioria dos outros requerentes de iraquianos. Ele afirmou:

A minha saúde é boa, mas estou psicologicamente exausto [*maḍghuṭ nafsyān*] [...] às vezes, me sinto muito motivado [*muthāmis*], fiz o Praktikum e terminei [o curso de] idioma. E, por vezes, me sinto esgotado [*muḥbaṭ*] e sinto que nada vai acontecer [...] com relação às dificuldades que nós, como refugiados, enfrentamos neste país. Há pontos positivos, mas é bom mostrar ao mundo como estamos sofrendo [*waja*’; literalmente “doendo”] em função de algumas questões. Deixem que saibam que sou um estrangeiro neste país, mas não sou um monstro.

Najib é um muçulmano sunita, sírio, de 32 anos, cuja mulher ainda vive na Síria, enquanto ele adquiriu asilo na Áustria. Ele tem tentado trazer sua esposa para este país, e quando lhe foi perguntado como ele se sentia psicologicamente, respondeu:

Estou um pouco cansado [*shway t’abān*]. Alguns dias há pressão [*dghuṭ*] para trabalhar, por isso me sinto um pouco cansado psicologicamente [*t’abān shway nafsyaty*]. Também por causa da minha família, e da situação na Síria. Este tipo de coisa.

Melhem é um refugiado sírio de 33 anos, casado, e chegou à Áustria em maio de 2015. Quando questionado sobre seus principais desafios na Áustria, ele respondeu: “O trabalho e a língua, para mim, são problemas cotidianos. Penso neles todos os dias, minha esposa sabe. Isto influencia na minha mente [*m’ithir ‘ala nafsiaty*]”. E quando perguntaram acerca de suas expectativas sobre viver na Europa, respondeu: “quando vivíamos no campo [de trânsito; na Áustria] nos víamos psicologicamente cansados [*nafsyaty ta’abana*] e muito tristes [*ḥazinin jidān*], mas depois, quando conhecemos os austríacos, para conseguir a

residência, as nossas expectativas mudaram de uma forma positiva”. Depois, quando lhe foi perguntado sobre o que mudou quando obteve o status de refugiado, ele disse:

Todos nós no campo, quer dizer, não dormimos. Nem mesmo uma identidade a gente tinha o luxo de possuir, sabe? Sem direitos, nem qualquer outra coisa, nunca. Estes papéis [documentos] que você adquire, você sente que têm valor, quer dizer, pode ir, pode viajar se quiser, é estimulado [*taḥafaz*].

E quando perguntaram a ele como se sentia à época da entrevista, ele respondeu: “Mas o problema é que estou deprimido [*nafsyaty ta’abana*] no que diz respeito ao trabalho. Preciso de trabalho logo. Preciso dele ao meu redor”.

Iskandar é um refugiado iraquiano. Tem 29 anos de idade e é muçulmano sunita. Quando foi perguntado sobre sua experiência ao viver no interior austríaco e em Viena, ele respondeu:

Tenho dois amigos aqui que vivem no interior, que estão agora em crise psicológica [*azma nafsyia*]. E começaram a ir a médicos para tratamento. O caso deles chegou a nível perigoso. É muito difícil vir da Síria e viver numa vila [...] é impossível para mim viver em uma. Talvez, se eu fosse obrigado a viver em uma vila, eu teria voltado para a Síria. Eu não conseguiria continuar. Ou eu teria algum mal-estar psicológico [*ma’ānāa nafsyā*] como meus amigos. É impossível viver em uma vila. Em Viena, de alguma forma, há movimento, é possível fazer amizade e é possível conhecer pessoas. Especialmente nas capitais, tem muitos estrangeiros. Você pode encontrá-los e conhecê-los, mas comunidade de vila, no mundo todo, é uma comunidade fechada.

Awad é um requerente de asilo do Iraque. Tem 23 anos de idade e se identificou como muçulmano. Quando perguntado se algo o incomodava, respondeu:

Na verdade, sim, a pergunta sobre se eu tenho permissão para ficar aqui ou não. Porque, dessa forma, o que quer que eu construa eu posso perder em um piscar de olhos. E depois, a família. Quando você se lembra da família, quando se lembra deles, do que aconteceu e onde eles estão.

Quando foi perguntado como ele resolve seus problemas, respondeu: “Minha família é a coisa mais importante a este respeito. Quando escuto suas vozes, fico feliz. E isto me ajuda quando estou psicologicamente cansado [*nafsiaty t’abana*]”. E quando perguntado sobre em que medida se sentia motivado, ele respondeu: “Não muito. Tudo na minha vida agora é escutar alemão e aprender alemão, por isso estou motivado em obter meu certificado B2. Se não tem alemão, aí vou pra minha casa para dormir”.

Para dar um último exemplo, Alyiah é uma drusa síria. Tem 26 anos de idade e é casada. Quando solicitada a refletir sobre o que mudou desde que obteve o status oficial de refugiada na Áustria, me disse:

Muitas coisas. Eu posso ter um passaporte, me candidatar a um emprego, quero dizer, é suficiente; minha residência aqui é de cinco anos e espero renová-la. Mas há alguns medos, talvez não seja renovada e tenhamos que voltar. Mas agora que temos segurança, estou confortável [*nafsy raha* - literalmente, o meu eu está confortável]. A minha mente [*nafsiaty*], é o suficiente, o meu passaporte é austríaco, isto eles me deram, por isso muitas coisas que eu quero mudaram.

## **IDIOMA, PODER E PERTENCIMENTO**

Como mostram os estudos de caso e os trechos destacados acima, os sujeitos árabes deslocados expressaram o que o discurso médico em voga na Áustria chamaria de “depressão” de várias formas diferentes – na maior parte (se não todas), são variações do princípio básico que afirma que a depressão é uma falta de poder para agir sobre a própria

vida. Este poder é concebido como sendo emanado de si próprio, que irradia do sujeito e afeta fortemente aqueles que o rodeiam. Afastar-se de ambientes negativos pode ajudar a conter a depressão, e manter-se próximo dos entes queridos é revigorante. Contudo, o estado psicológico irradia de cada eu [*self*], de modo que alguns entrevistados optaram por evitar familiares e amigos com vistas a não os afetar negativamente, mesmo que beneficiassem destes contatos.

Esta concepção geral não parece ser tão diferente das concepções populares europeias sobre disposição, incluindo depressão. De acordo com esta percepção, energia, motivação, estímulo, poder, capacidade e conforto opõem-se à fadiga psicológica, depressão, estresse, desamparo, perda, incapacidade, impotência e desconforto. O papel da língua, como barreira ou como ponte, é característico da experiência dos migrantes forçados. O que é talvez único às expressões dos migrantes forçados de língua árabe é a centralidade da ideia de “fadiga” e o enquadramento do sentimento de falta de pertencimento social através do conceito de “*ghurba*”.

Assim, a falta de pertencimento social é vista pelos entrevistados como sendo seu principal problema, que é causado primeiro pelo deslocamento e depois é dinamicamente mantido através da falta de envolvimento com a sociedade acolhedora, seja pela falta de oportunidades ou pela própria falta de poder [capacidade] do sujeito em fazê-lo (geralmente uma combinação de ambos). Esta falta de engajamento é vista, do ponto de vista da maioria dos entrevistados, como algo profundamente ligado à capacidade linguística, especialmente entre os sujeitos com mais idade que, em sua grande maioria, têm grandes dificuldades em aprender alemão.

O domínio idiomático (e cultural) não afeta apenas a capacidade dos árabes deslocados em compreender o contexto austríaco, mas afeta também a capacidade austríaca de compreender os entrevistados. A língua não é apenas uma questão de tradução entre termos equivalentes, mas informa e organiza concepções e afetos. No entanto, a concepção, o afeto e, portanto, a experiência, não estão também completamente inscritos em palavras. As palavras “poder”, “capacidade”, “habilidade”, e mesmo “vigor” e “energia”, em inglês, por exemplo, parecem confluídas nos dialetos árabes iraquianos e sírios, expressos pelos meus entrevistados por meio dos termos “*qwa*” e “*qudra*”. Desse modo, seja qual fosse o termo que eu escolhesse traduzir sempre que um dos meus entrevistados o usasse, apenas tal termo isoladamente não daria conta de abranger o completo significado das expressões destas pessoas, coisa que só pode ser compreendida contextualmente. Assim, apresentar ao leitor os cinco estudos de caso acima referidos é importante para fornecer o contexto adequado à interpretação. Neste caso, o que tem sido expresso de forma notável por meus entrevistados é a falta de capacidade, de poder, de vigor, de energia e, em última instância, de motivação para seguir a vida como refugiado. Por conseguinte, a expressão que comumente aponta para este “estar psicologicamente cansado” deve ser entendida, neste contexto, como uma expressão de depressão.

A depressão (*ka'aba*), contudo, não é apontada por meus entrevistados como um termo médico ocidental objetivo, em vez disto, é entendida como tendo diferentes níveis. Ou seja, pode-se estar mais ou menos deprimido, tanto quanto o termo é também expresso coloquialmente, de forma mais ou menos comum, na Europa. Da mesma



forma, estar estressado é algo também expresso por meus entrevistados de língua árabe através do empréstimo do termo em inglês (*bi-stress*) ou pelo termo “pressão” (*dghut*). Esta equivalência, juntamente com a tendência de muitos entrevistados em menosprezar sua angústia psicológica (seja para tomar o controle, seja para não parecer desamparado), me leva a entender que, neste contexto, estar estressado significa frequentemente estar severamente deprimido.

Em geral, embora bem-estar possa ser mais bem traduzido em árabe como “*afya*” (saúde), uma vez que tanto os termos em inglês como os termos em árabe se dirigem potencialmente não apenas ao corpo mas, também, à psique, meus interlocutores refugiados de língua árabe têm expressado aquilo que os europeus chamam de depressão (e mesmo trauma) de formas diferentes. Estas expressões implicam diferentes estratégias de superação em vez de as identificar como sintomas de doença e necessidade de medicalização. Enquanto alguns de meus interlocutores expressaram ter dificuldades psicológicas, crise (*azma nafsy*) ou depressão (*ka'aba*), muitos outros expressaram “*ghurba*”, o que, neste contexto, entre outras coisas, significa sentir-se fora de contexto, estar estafado (*nafsy ta'abana*) ou estar psicologicamente cansado (*nafsy ta'abana*), e estar sem capacidade/poder (e, neste caso, motivação) (*qudra/qwa*) para agir sobre suas vidas e sobre o mundo. O termo inglês “*settlement*”, em árabe (*istqrār*), está associado à habitação e à residência, mas também à firmeza (neste caso, segurança) e à agência (já que a raiz do termo implica decisão ou resolução). Por conseguinte, sentir-se impotente para agir, estar psicologicamente cansado ou ser privado de direitos afeta grandemente as chances de meus interlocutores se sentirem fixados na Áustria. Estes sentimentos,

relacionados a estar estabelecido (ou não), são a contrapartida do que tem sido discutido na Europa sob a rubrica de “integração” (em árabe, *indimāj*). Se a “integração” é uma via de mão dupla, como foi expresso por documentos oficiais austríacos e entre humanitários em geral, então, entender como os refugiados de língua árabe compreendem, expressam e constroem seu bem-estar, se torna pesquisa imperativa.